

## **VIAJANDO PELO AVESSO: O POEMA E A PEDRA FUNDAMENTAL**

**Vera Follain de Figueiredo (PUC-RJ)**

MATRAGA 12, 1999

*Onde se inscreveria o excuso texto do meu tempo?*

Affonso Romano de Sant'Anna

A América - assim como as demais regiões que, em relação a uma Europa constituída como centro do mundo, foram consideradas "periféricas"- foi compelida a fazer parte da chamada civilização ocidental. A modernidade européia, a partir da necessidade de constituição de um mercado cada vez mais expansivo para seus produtos, invadiu o mundo em todas as direções, confundindo sua identidade com a identidade do Ocidente e "criando para si um mundo à sua própria imagem", como já observara Marx, no manifesto de 1848.

Formados à imagem da civilização capitalista ocidental, descobrimos pouco a pouco que a semelhança com o modelo a partir do qual nos construímos, não poderia se realizar plenamente, devendo obedecer aos limites impostos pelos interesses pragmáticos e competitivos do mercado - limites esses que acabavam por transformar a cópia do modelo em mera caricatura. Em contrapartida, a entrada compulsória na modernidade nos colocou em contato com sua outra face, aquela que surgiu da rejeição da face pragmática, aquela que, associando razão e processo crítico, voltou-se para emancipação do homem, partindo da negação do presente, para tecer uma imagem ideal do futuro. Sonhamos, então, com as promessas de felicidade, veiculadas pelas grandes narrativas, que deviam dar sentido a nossa trajetória. A experiência histórica da América Latina, entretanto, teimosamente, tem frustrado nossos projetos de emancipação. Mais que isso, sentimos que continuamos a viver impelidos por algo que vem de fora, como a Macondo, de Gabriel García Márquez, perplexa diante da pedra de gelo trazida pelos ciganos.

Se podemos dizer que a falência dos sonhos da modernidade e a conseqüente descrença nos rumos da história não se restringem ao mundo periférico, que a face emancipatória do projeto moderno não se realizou plenamente em lugar nenhum, podemos também afirmar que, no nosso caso, a sensação de fracasso vem acompanhada da incômoda impressão de que nem sequer fomos os autores dessa história, de que não fizemos, mas sofremos a história. A essa incômoda sensação, soma-se uma outra. A concepção evolutiva de história, gestada pela modernidade, a idéia do tempo como um caminhar sucessivo, por etapas, até um fim ótimo, criou impasses para a América Latina, porque, para as nações periféricas, implicou uma corrida

para alcançar o presente, tal como definido pelos países centrais, que se identificaram com o tempo. A visão da história como uma série ascendente, como uma estrada que se segue passo a passo, colocou-nos na condição de ter de correr atrás da contemporaneidade, que sempre pareceu nos escapar, pois tentamos viver às pressas as fases já vividas pelo centro, sendo atropelados pelo ritmo frenético do progresso contínuo que vem de fora e que acabou por determinar a convivência, entre nós, de vários tempos diferentes.

Na América Hispânica, onde se constituiu, com mais força que em nosso país, uma consciência americanista, diversos intelectuais e artistas expressaram esse mal-estar histórico, decorrente do nosso tipo de inserção na modernidade. Segundo Octavio Paz, uma sociedade se define essencialmente por sua posição diante do tempo, e os mexicanos, não tendo elaborado uma imagem de futuro extraída de sua própria tradição, teriam se apropriado da imagem de futuro inventada pelos europeus: "o ingresso na modernidade exigia um sacrifício: o nosso. É conhecido o resultado desse sacrifício: ainda não somos modernos, porém desde então estamos à procura de nós mesmos (69)". Lezama Lima, para traçar a forma em devir da América Latina, propõe deixar de lado o critério de valor associado ao desenvolvimento de uma forma no tempo, em busca de uma nova causalidade não hegeliana. Alejo Carpentier reúne, em *Guerra do tempo*, contos que ressaltam o papel do imaginário na aventura da conquista da América, dissolvendo fronteiras entre história e mito. Gabriel García Márquez revê a trajetória de Bolívar, apontando para a circularidade estéril de sua caminhada e desfazendo o mito de um herói que teria conquistado progressivamente a liberdade.

No Brasil, os modernistas Mário de Andrade e Oswald de Andrade questionaram o mito da violência civilizadora, da destruição criativa, que está na origem da modernidade eurocêntrica. Oswald de Andrade fez o elogio da nossa multitemporalidade e imaginou que o avanço tecnológico contribuiria para uma nova maneira de perceber o tempo - como convergência de momentos, como simultaneidade dos instantes - e, com isso, poderia libertar-nos da prisão de uma história sucessiva e linear que nos condenava a ter de viver com atraso cada etapa já vivenciada pelos países desenvolvidos. Na época da fotomontagem, nada nos impediria de beber de um trago só nossa independência técnica, como afirma em "Aqui foi o sul que venceu".

É com essa tradição de pensamento que Affonso Romano de Sant'Anna dialoga em sua poesia. "A grande fala do índio guarani" é, antes de tudo, uma tentativa de ajuste de contas com a história, com a visão de história que o Ocidente nos legou, incapaz de explicar a nossa entrada abrupta na modernidade, os nossos constantes recomeços, atropelos e recuos. Diz o poeta:

*Mas os acontecimentos desviaram-se dos livros*

*E por mais que entulhássemos os cursos da história*

*De novo a história*

*Desviava-nos seus rios*

*E os livros*

*Nem sempre férteis*

*Apodreciam no Nilo.*

O poema expressa, assim, o sentimento de impotência face a uma história cujas rédeas nos escapam, e por isso o poeta se declara "habitante de um terceiro mundo infundo e infundo, transbordado ou naufrago na margem terceira e derradeira de um rio que segue e o ignora." Nesse sentido, "A grande fala do índio guarani", tendo sido inspirado por uma determinada conjuntura política brasileira, ultrapassa os marcos desse contexto, porque as indagações, em torno das quais o poema se estrutura, não se restringem aos fatos que serviram de motivação imediata para a sua criação. Há uma questão maior que perpassa todo o texto e que faz com que ele se teça de perguntas – onde, quem, quando, como? – e essa questão, que o torna atualíssimo, diz respeito ao abalo das certezas, à descrença nos parâmetros que guiavam a nossa esperança e que, a partir de certo momento, começam a cair por terra. Diz Castoriadis que a história só tem razão quando tem uma razão de ser. A poesia de Affonso se nutre da perplexidade diante da perda dessa razão de ser da história na qual nos fizemos acreditar. Diante desse quadro, o poeta pergunta: "E o tempo? O que fazer dele?" Se acreditamos, seguindo o pensamento hegeliano, que o sentido dos fatos se explicitava no próprio processo temporal, já que, inevitavelmente, o homem caminhava sempre na direção de seu aperfeiçoamento, segundo uma ótica teleológica, como vivenciar o tempo, agora, quando nos dizem que tudo isso não passou de ilusão?

O tempo é também a grande matéria de "A Catedral de Colônia". O poema, além de se constituir como leitura de uma outra obra de arte - o maior monumento arquitetônico da cidade de Colônia, na Alemanha - articula-se como contraponto, evidenciando o lado sombrio da história de que ela, a Catedral, é produto, testemunho e alegoria. Diante do maior templo gótico do norte europeu, do fascínio que impõe ao homem apequenado face aos 160 metros de altura de suas torres, o poeta é aquele que ousa ver algo mais, ousa ver o que se reflete no monumento e o que ele obscurece com sua presença majestosa que, no entanto, intercepta a luz: corpo opaco que se interpõe entre o sol e o que a cerca, criando um espaço de escuridão - a outra face da riqueza, a face obscura das guerras e da dominação, a face oculta pelo esplendor da cultura e da arte.

Diante da construção de pedra, plena de fixidez, o poeta multiplica espaços, tempos e identidades - move-se em direção ao outro e nesse movimento busca a si mesmo. Através do olhar que contempla, empreende a verdadeira viagem - a do pensamento. É, ao mesmo tempo, o indivíduo moderno, herdeiro da tradição ocidental, e o homem da modernidade periférica, perplexo diante de uma história que não construiu mas que o construiu. O poema se ergue, estrofe após estrofe, como um outro monumento, que pretende revelar, na sua escrita, os rascunhos da escrita primeira. É texto que se debruça sobre outro texto e deixa entrever as

vozes silenciadas em nome de uma ordem que se queria universal e absoluta. Resgata a história encoberta pelo tempo, sempre igual a si mesmo, da eternidade evocada pela catedral. O olhar que cria o poema quer mais do que lhe é dado ver na superfície, por isso se descentra, experimenta ângulos variados, procurando alcançar o que ficou soterrado sob as pedras e sob o discurso que lhe serviu de argamassa: palavras que fundam o saber ocidental eurocêntrico e o legitimam como poder, o poder da cátedra monumentalizado pela igreja. Diante dessas palavras que lançaram a pedra fundamental da dominação do Outro pelo Ocidente Europeu, o poeta busca outras palavras - as que são movimento, fratura, expressando o percurso tortuoso dos que sofrem a história que não fazem.

Os seis séculos de construção da Catedral de Colônia remetem para o longo processo de gestação do ego moderno, constituído a partir do que negou - a alteridade: "que esta catedral sou eu/ atroz ateu/ cristão-judeu/ preto-plebeu/ que esta catedral é o corpo vivo da História/ e a história do próprio Eu." O poeta vê o monumento de cultura, mas vê também a sua outra face, a de monumento de barbárie. Sabe que ao contemplar a catedral está próximo de Dante, do princípio alegórico de construção da Divina Comédia, mas também sabe que está próximo da verdade missionária que lançou mão deste mesmo princípio para naturalizar seus símbolos religiosos, consagrando-se como o outro braço da conquista pelas armas. Diz, então:

*São sempre assim esses construtores*

*invasores*

*cristãos:*

*derrubam o altar pagão e ali erguem seu templo*

*de orgulho e ouro*

*- numa gótica ereção.*

*São assim*

*esses mercenários*

*templários*

*missionários*

*colocando pedra sobre índios fundamentais,*

*epistolando a escrita do juro escravo,*

*crucificando a serpente e a águia no horto*

*num gesto zoológico e barroco.*

A estrofe nos remete para a associação da fé e da razão conquistadora, para a superação do *ego cogito* pelo *ego conquiro* que se fez também ego fálico na dominação do corpo da mulher

indígena e do corpo do varão escravizado pelo trabalho, na América. Da dimensão espacial do monumento arquitetônico - a Catedral de Colônia - desentranha-se a dimensão temporal que aponta para as sucessivas etapas da história dos vencedores e para o movimento cíclico dos oprimidos que repetem sempre o mesmo gesto de carregar pedras:

*Desde 15 de agosto*

*de 1248 que erguem seu portal.*

*Desde 15 de agosto*

*de 1248 que estou como pedreiro real*

*comendo pedras,*

*obrando cal,*

*como um cão metafísico*

*e um sísifo cristão.*

O poeta parte da perplexidade inicial, da emoção primeira - *"olho pro céu, olho pro chão, carneirinho turista com infantil emoção"* - para a tomada de distância que lhe permitirá empreender a leitura desconstrutora. Fala como descendente da tradição ocidental, enquanto oriundo de um país colonizado, enquanto descendente de imigrantes, mas fala, ao mesmo tempo, como quem está fora dela, à margem, contemplando criticamente o seu espetáculo: *"Não olho esta catedral apenas como quem olha o avô./ Mas como quem vai ao circo e ao zôo."* É o eu branco e cristão, mas é o nós dos mestiços oprimidos da América Latina, o nós dos povos pré-colombianos, dos judeus, expulsos da cidade em 1424, e dos protestantes, expulsos dois séculos depois. Enfim, o poema dá voz aos excluídos de todos os tempos e comunga com aqueles que ficaram de fora do banquete ocidental. É o "índio na catedral" confrontando a sua história com a história do Mesmo, o peso da tradição alheia com a sua falta de raiz, a origem apagada no processo de colonização. Índio que sintetiza a trajetória de qualquer brasileiro, incansável vítima, cúmplice e testemunha dessa outra história - a que se faz a reboque, a que não se completa, a que é sempre passível de apagamento.

Ao ler "A grande fala do índio guarani" e "A Catedral de Colônia" não podemos deixar de pensar na ironia do nosso destino. Aqueles que nos venderam as promessas do pensamento iluminista são os mesmos que se colocam, hoje, como pioneiros da crítica aos grandes projetos universais, através do discurso dito "pós-moderno". Obras como a de Affonso Romano de Sant'Anna, entretanto, nos fazem lembrar que não precisamos receber lições de desencanto. A lucidez de um ou outro índio guarani há muito se encarrega de denunciar as falácias do discurso ocidental hegemônico, registrando na escrita poética os impasses da nossa anti-história:

*Os tecnocratas nos dizem a meta*

- e refazemos a seta.

*Os tecnocratas nos dizem a hora*

- e reinventamos a aurora.

*Desde cedo*

*aprendemos a faina do escaravelho*

*terra adentro*

*vida afora.*

*E quando no circo do absurdo*

*Nos comprimem na murada*

*sabemos saltar de costas*

- *e flutuar no nada*

---

### **Referências Bibliográficas:**

Paz, Octavio. *O Ogro Filantrópico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

Sant Sant'Anna, Affonso Romano de. *A grande fala do índio guarani e Catedral de Colônia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.